

Revista Cultural

SINPRO-RIO

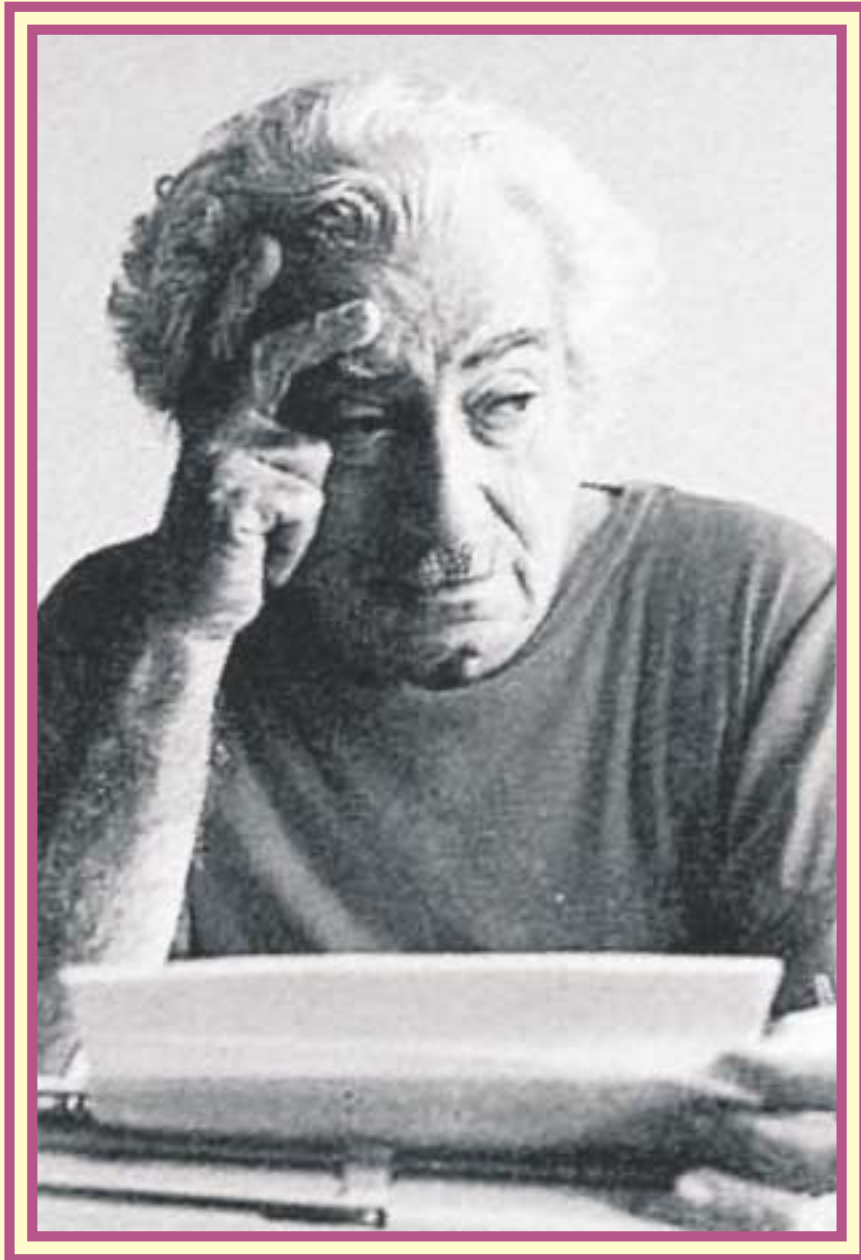
Outubro/2001 - Ano V - N.º 4



**Edição comemorativa dos
70 anos do Sinpro-Rio**

Jorge Amado

(1912 - 2001)



Profissão: Escritor

Matéria-prima: o Povo Brasileiro

O reconhecimento do Sinpro-Rio

70 anos de luta



Fotos do evento: Claudinei Castro

Emoção, reencontros, alegria, esperança. Estas palavras, com certeza, descrevem a Festa dos 70 Anos do **Sinpro-Rio**, organizada pela diretoria da entidade e realizada em 8 de junho, no Hotel Glória.

Durante mais de quatro horas, cerca de 500 pessoas participaram de um evento memorável, e, direcionados por um vídeo organizado pelo cineasta Silvio Tender, reviveram momentos decisivos da história do país, dos anos 30 até hoje.

Além das imagens na tela, ali estavam, sendo homenageados, personagens fundamentais em nossa história recente.

Ao final, com um coquetel, com música e com esperança, ficou a certeza de que o poeta espanhol Antonio Machado tinha razão: "Caminante, no hay camino, / se hace camino al andar".

SINPRO-RIO

70 Anos de Luta



Brasão do Sinpro-Rio, usado na "Folha do Professor" até os anos 70 e presente na bandeira do Sindicato até hoje



Sinpro-Rio

Apresentação da festa pelos mestres-de-cerimônia Stepan Nercessian e Thalma de Freitas

Senhoras e senhores.
Hoje nos reunimos para comemorar uma data muito importante para todos nós.

Estamos comemorando o aniversário de **70 anos do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro.**

O Sinpro, no aniversário de seus 70 anos de existência, reúne professores e amigos para homenagear algumas pessoas que ajudaram a mudar a história do Brasil.

Em sua trajetória de lutas pela democracia, pela justiça social, pelo direito à liberdade e ao pleno exercício da cidadania, o Sindicato participou de movimentos que visavam impedir que nos cerceassem a liberdade de expressão, o direito ao voto,



a organização dos trabalhadores.

Vamos lembrar de alguns momentos de nossa História que afirmam a necessidade da organização dos professores, do compromisso com o ensino de qualidade, acessível a todos. O Sinpro, no seu aniversário de 70 anos de luta, quer homenagear algumas pessoas que foram fundamentais na conquista da democracia no Brasil e que dedicaram suas vidas à luta por liberdade e justiça social.

Esta homenagem será feita através da entrega do **Troféu Sinpro - 70 Anos de Luta**, de autoria do premiado escultor Cher. Nossas lembranças serão embaladas por um vídeo dirigido pelo cineasta Sílvio Tendler.



Estrutura da Festa

A Festa foi organizada com base em cinco Blocos, representativos de momentos importantes da História do país:

Bloco I

- ◆ A luta contra o nazi-fascismo
- ◆ A Campanha "O Petróleo É Nosso"
- ◆ Emancipação da Mulher

Bloco II

- ◆ A luta contra a tortura
- ◆ Pela liberdade de expressão
- ◆ Diretas Já

Bloco III

- ◆ Pela Educação
- ◆ Pela Reforma Agrária
- ◆ Fora Collor

Bloco IV

- ◆ Contra o Neoliberalismo
- ◆ Pela Organização dos Trabalhadores

Bloco V

- ◆ Encerramento

Discurso do presidente do Sinpro-Rio, Francilio Pinto Paes Leme, na abertura da Festa

Senhores e senhoras, autoridades, caros companheiros de luta do Sindicato dos Professores. Saúdo a presença de todos vocês.

Não preparei um discurso, mas lembrei-me das nossas assembléias em que somos forçados, em cada momento, a jogar nossas emoções para fora para sensibilizar a todos, no sentido da luta em defesa dos interesses da nossa categoria.

O destino quis que eu, como presidente, estivesse aqui para a comemoração dos 70 anos deste Sindicato, 70 anos de luta aguerrida.

Este é um Sindicato que passou por várias fases, que quase sofreu intervenção do Ministério do Trabalho na ditadura militar. Sobreviveu e foi uma casa aberta a todas as instituições, que lutaram contra o regime militar.

É uma casa que nunca tergiversou na defesa da escola pública e dos interesses dos professores. Isto tudo traz para nós muita emoção no dia-a-dia de levar este Sindicato à frente.

Num dia como hoje, temos que preparar os nossos corações, e o início da festa já mostrou as emoções que nos aguardam. Neste salão, vamos homenagear uma gama de grandes brasileiros que aqui estão porque dedicaram suas vidas à luta em defesa dos interesses do povo brasileiro e do país, que hoje em dia se vê ameaçado por uma política neoliberal de entrega do nosso patrimônio ao capital estrangeiro.

Estes homens e mulheres não estão sendo homenageado por acaso. Nós estamos, através do Sindicato dos Professores, fazendo um reconhecimento da luta dos homenageados, não somente por parte dos docentes, sim de todo o povo brasileiro.

Também faço uma homenagem, muito especial, a todos aqueles que passaram por este Sindicato, que deram a sua contribuição na luta pelos interesses da nossa categoria, mas, principalmente, do povo brasileiro.



Sei que, aqui, a quase totalidade da plateia deu a sua contribuição nesta luta. Muitos sofreram as conseqüências de se mobilizar em torno de determinadas bandeiras. Estas conseqüências foram desde demissão, perseguição, até, para muitos, a prisão e a tortura.

Presto, ainda, uma homenagem especial a todos os professores aqui presentes. Com muitos, divergimos durante esta trajetória e tivemos grandes e acaloradas discussões. Chegamos a ficar, inclusive, em chapas diferentes, disputando eleição no Sindicato.

Mas, neste Sindicato de Professores, sempre tivemos uma linha que vem da tradição do Partido Comunista Brasileiro, que é a construção da unidade na diversidade.

Por isso, continuamos acreditando que somente com a unidade do povo poderemos superar as dificuldades pelas quais o país e o mundo passam, a partir de uma globalização que nada mais representa do que o aprofundamento da exploração do trabalhador.

Portanto, agradeço a todos estes companheiros que passaram e que continuam dando sua contribuição ao Sindicato e convidá-los para continuar nesta luta, porque da nossa ação vai depender o futuro. Afinal, quem constrói o futuro somos nós.

Parabéns a todos e a luta continua!

SINPRO-RIO - 70 ANOS

A luta contra o Nazi-fascismo



Guernica (Picasso)

O Petróleo é Nosso!



A emancipação da Mulher

A luta contra o Nazi-fascismo

*Moacyr Werneck de Castro**

Pela sua formação e pelo passado de lutas do seu povo, o Brasil não demonstrou jamais inclinação para se submeter ao fascismo. Mas o risco foi grande. A partir do fim de década de 1920, o fascismo se apresentava no mundo como um regime de defesa da ordem, da disciplina, da hierarquia, da fidelidade à tradição. Seu ramo brasileiro, a Ação Integralista, usava o lema “Deus, Pátria e Família” em sua propaganda mentirosa. Seria o antídoto contra o “bolchevismo ateu”. A burguesia, amedrontada, se deixava seduzir em muitos países pelas organizações de extrema direita que formavam belicosas legiões para defender a superioridade racial, a obediência cega ao Chefe, Duce ou Fuehrer, e atuar como tropa de choque contra os movimentos operário e democrático. Não era fácil lutar contra essa gigantesca impostura, sustentada pela alta finança internacional. Para derrotá-la, formaram-se frentes populares que buscavam unificar as forças democráticas. Em vários países se produziram choques armados, o mais significativo dos quais foi a Guerra Civil Espanhola, onde participou na Brigada Internacional um grupo de brasileiros, entre eles Apolônio de Carvalho, em defesa da Re-

pública contra o franquismo.

Logo em seguida, a Segunda Guerra Mundial representaria uma etapa histórica decisiva. No Brasil, a pressão popular rompeu as simpatias pelo fascismo alimentadas pelo regime do Estado Novo, e o nosso país se alinhou com as Nações Unidas contra o Eixo nazifascista. A Força Expedicionária Brasileira foi enviada para combater na Itália. O Sindicato dos Professores está prestando homenagem a esse glorioso momento histórico. É uma justa contribuição para a memória de uma luta que deve ser sempre lembrada pelas novas gerações. Foi esmagado o fascismo com o seu séquito de opressão e horror, em que o racismo pôde produzir a máquina de extermínio dos campos de concentração. Mas o surgimento de movimentos neonazistas em vários países mostra que o ovo da serpente ainda está chocando. Por isso é preciso ter presente a luta contra o fascismo, para a salvaguarda de um patrimônio democrático ameaçado pelas formas recorrentes que assume a reação no mundo atual.

Moacyr Werneck de Castro é jornalista e escritor.



Estudo de Guernica
(Picasso)

Apolônio de Carvalho

Muitos homens lutaram e arriscaram suas vidas para que o pesadelo tivesse fim. Hoje, vamos homenagear um brasileiro que participou das Brigadas Internacionais Antifascistas, na Espanha, e participou da Resistência Francesa, tendo sido condecorado pelo governo francês.

Um homem incomum, do qual nos orgulhamos: **Apolônio de Carvalho**.



Batalha nas ruas de Madri, durante a Guerra Civil Espanhola

Brigadeiro Rui Barbosa Moreira Lima



Nossa homenagem à Força Expedicionária Brasileira, a FEB, será feita através de um homem que aqui representa todos aqueles que lutaram na guerra contra o fascismo.

Piloto de avião, participou de 90 missões quando, em média, outros pilotos participaram de 30. Em combate, foi abatido 9 vezes.

Na guerra para derrotar o fascismo, o Brasil perdeu 9 pilotos, 13 oficiais do Exército e 430 pracinhas.

Nem mesmo o seu passado de coragem e serviços prestados à Nação o livrou da covardia do Regime Militar. Em 1964, foi cassado. Representando todos os militares que combateram o fascismo, homenageamos o **Brigadeiro Rui Barbosa Moreira Lima**.



“Durante a II Guerra Mundial, fui voluntário para lutar em defesa da liberdade e do homem. Na Guerra, não fiz nada mais do que cumprir com o meu dever.

Dos 49 pilotos do Grupo de Caça, perdemos 9. No mundo inteiro, este é um número militar e civilmente assombroso, de realização profissional e de patriotismo.”

Brigadeiro Rui Barbosa Moreira Lima

ASA

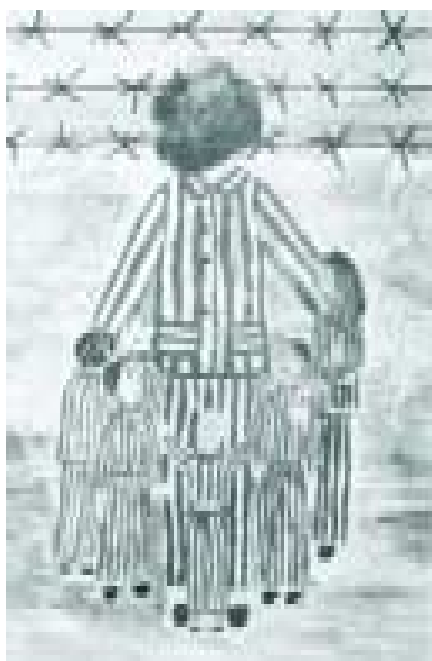
Muitas reuniões organizadas para debater e avaliar as lutas populares, no Rio de Janeiro, aconteceram na Rua São Clemente.

Não apenas encontros de trabalhos. Quem não participou das inúmeras festas organizadas para angariar recursos para campanhas de movimentos de esquerda?

Criada em 1915, a Associação Scholem Aleichem (ASA) faz parte da nossa história de lutas.

Aqui, esta organização criada por judeus recebe nossa homenagem, representando todos aqueles que foram perseguidos pelo fascismo.

Gicel Bucaresky, representando a **ASA**, receberá a homenagem do Sinpro.



Professor e alunos em campo de concentração
(Desenho de uma criança judia -
Reproduzido da revista "O Correio da Unesco")

A luta pelo petróleo no Brasil

*Rubim Santos Leão de Aquino**

Na década de 1930 cresceu a tendência à adoção de uma política de nacionalismo econômico, inclusive com a nacionalização das riquezas do subsolo.

Em 1934, foram estabelecidas normas para a pesquisa e lavra de jazidas minerais no país.

Em 1938, foi reservada unicamente aos brasileiros toda e qualquer atividade petrolífera, e criado o Conselho Nacional do Petróleo (Decreto Lei 395), que passou a monopolizar o exame dos pedidos de pesquisa e lavra do petróleo.

Entretanto, também existiam aqueles que defendiam não haver petróleo em território brasileiro. Posteriormente, quando técnicos brasileiros do Departamento Nacional de Produção fizeram jorrar petróleo em Lobato, em 21 de janeiro de 1939, brasileiros, vinculados ao capital internacional, sustentaram a tese de caber à iniciativa privada, com capital brasileiro ou estrangeiro, a exploração do petróleo.

Esses grupos fizeram-se presentes na aprovação do parágrafo primeiro do artigo 152, da Constituição de 1946, dispondo que o aproveitamento de recursos minerais caberia a brasileiros ou a sociedades organizadas no país.

Outra vantagem obtida por esses grupos entreguistas ocorreu em 1948 com a vinda de uma delegação norte-americana, chamada de Missão Abbink, porque chefiada por John Abbink, divulgando informações, em 1949, negando ter o Brasil condições para explorar petróleo eventualmente existente.

Em contrapartida foi tumultuada e difícil a campanha "O Petróleo É Nosso". Conferências e debates opuseram os partidários do monopólio estatal do ouro negro aos defensores da participação do capital privado brasileiro e internacional.

O clima de tensão da Guerra Fria, o caráter repressor do governo Dutra (1946-1950) e a pressão dos trustes internacionais favoreciam a atuação dos chamados entreguistas. Os nacionalistas, contudo, não esmoreceram: chegaram até a realizar um concurso para escolher a Rainha do Petróleo Brasileiro!

Apesar da repressão policial, as concentrações populares se intensificaram. Prisões ocorreram. Não só de civis, mas também de militares e até de parlamentares. Várias vezes, a polícia atirou contra os manifestantes, jogou bombas de gás lacrimogêneo e bateu com cassetetes. Houve até mortes de populares.



Desde fins de 1947, os debates no Clube Militar eram inflamados, destacando-se como defensores do monopólio estatal do petróleo os generais Júlio Caetano Horta Barbosa e Leônidas Cardoso, fundadores do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional.

No Congresso Nacional, na imprensa e nas ruas eram acaloradas as discussões. Os partidários da campanha "O Petróleo É Nosso" tiveram incontestável apoio da revista Panfleto, do Jornal de Debates, da Tribuna Popular e do Diário de Notícias, além do mensário Emancipação, que até 1957 constituiu-se na principal trincheira defensora do monopólio estatal do petróleo e da economia nacional.

E o povo brasileiro conseguiu finalmente uma grande vitória: em 3 de outubro de 1953, o presidente Getúlio Vargas sancionou a Lei 2.004, reservando ao Estado brasileiro o monopólio da pesquisa e lavra das jazidas de petróleo e "outros hidrocarbonetos e gases raros existentes no território nacional". A lei também estabelecia ser monopólio estatal a refinação do petróleo brasileiro e estrangeiro, o transporte marítimo desse petróleo e seus derivados, bem como o transporte por oleodutos e gasodutos.

Estava criada a PETRÓLEO BRASILEIRO S.A. (PETROBRÁS), empresa símbolo da soberania e capacidade do povo brasileiro.

** Rubim Santos Leão de Aquino é professor de História e autor de diversos livros.*

Campanha "O Petróleo É Nosso"

(Maria Augusta Tibiriçá)

O petróleo é nosso. E esperamos que continue sendo.

Para que chegássemos até aqui, contamos com o empenho e a dedicação de muitos homens e mulheres.

O Sindicato presta, hoje, sua homenagem a uma mulher que luta, desde 1940, pela democracia e soberania nacional. Fundadora do Movimento de Defesa da Economia Nacional, com Barbosa Lima Sobrinho, e da Federação das Mulheres do Brasil, saudamos **Maria Augusta Tibiriçá**.



"Parabéns ao combativo Sindicato dos Professores, com quem até hoje trabalhamos. Agradeço ter sido escolhida para esta homenagem à "Campanha do Petróleo". Isto me comove, e olha que já não me comovo com tanta facilidade.

Durante todos estes anos, houve uma organização tão grande, uma penetração tão profunda da Petrobrás em todo o país que o povo ainda considera a empresa intocável.

*Não nos iludamos, nossa unidade tem que prosseguir.
Muito obrigada!"*

Maria Augusta Tibiriçá

A difícil construção da cidadania feminina

*Hildete Pereira de Melo**

As conquistas sociais e os direitos que hoje têm as mulheres brasileiras originaram-se do esforço de muitas gerações de mulheres que, desde meados do século XIX, lutaram por construir um mundo em que mulheres e homens fossem iguais na lei e na vida. Reunidas em organizações onde realizavam ações coletivas, ou manifestando-se individualmente, foram incontáveis as mulheres a quem devemos a nossa condição feminina atual. Devemos a elas não apenas os resultados concretos de suas iniciativas, como leis e reformas sociais que nos beneficiam, mas principalmente os exemplos de persistência na busca da igualdade.

Cultivar a memória das mulheres precursoras das lutas femininas serve, portanto, a vários propósitos: primeiro, faz-lhes justiça por seus feitos extraordinários, e segundo, lembra-nos que numerosos eram os caminhos possíveis de ação e numerosas foram as estratégias adotadas por grupos de mulheres nas suas iniciativas. Desde o gesto heróico de Isabel de Mattos, que tentou se inscrever para votar e ser votada nas eleições de 1891, à tentativa, em 1910, da professora Leolinda Daltro e suas companheiras de funda-

rem um partido feminino. Estas manifestações foram as primeiras formas de mobilização de mulheres a que podemos chamar de feminismo.

Estas primeiras lutas abriram os portões das escolas e faculdades; o ápice do movimento foi a mobilização de centenas e centenas de mulheres de norte a sul do país, nos anos 1920, com a conquista do direito ao voto em 1932. Mas, do ponto de vista do tratamento das desigualdades sociais e das diferenças étnicas, faz sentido distinguir entre o feminismo, como uma forma de mobilização social historicamente determinada, e outras formas de manifestações políticas, protagonizadas por mulheres. Isso porque, em uma sociedade marcada pela tragédia da escravidão e da

desigualdade racial, não há como reunir, numa mesma história, mulheres brancas, negras e índias, sob pena de desconsiderarmos a riqueza das várias formas de luta adotadas por mulheres de diferentes condições sociais. Os setenta anos de fundação do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro inscrevem-se como uma página dessas lutas anônimas e valorosas vividas por trabalhadoras e trabalhadores.

No Brasil, a cidadania ficou inconclusa, pela miséria na qual estão mergulhadas milhões e milhões de pessoas. Para as mulheres esta situação é ainda mais grave, porque sua incorporação no mercado de trabalho tem ocorrido numa situação de pobreza, precariedade e exploração. Mesmo assim, nesses últimos vinte e cinco anos, a vida das mulheres foi profundamente modificada. O notável crescimento no número de mulheres no mercado de trabalho, num contingente de mais de 30 milhões de trabalhadoras, é um feito notável. Mais instruídas, rompendo a barreira das tradicionais profissões femininas; umas ingressando em bons empregos, outras em ocupações com frágil vínculo empregatício ou na inexistência dele. Na apropriação da riqueza produzida pela sociedade, as mulheres ficaram sempre com um menor quinhão, seja porque eram, no passado, civilmente mortas, seja porque atualmente ainda recebem, em média, algo em torno de 60% dos rendimentos masculinos no Brasil e no mundo.

Assim, como no final do século XIX e o início do XX as mulheres lutaram pelo sufrágio feminino, muitas décadas depois lutam por igualdade perante a lei e oportunidades idênticas na partilha do poder. Essas pugnas destruíram, pelo menos no mundo ocidental, a antiga crença de que as mulheres eram impróprias para muitas atividades desempenhadas fora de casa. No limiar do novo milênio, a luta pelos direitos das mulheres parece vitoriosa, e a conquista da cidadania feminina foi uma das maiores mudanças sociais dos nossos tempos. Mas, se há um reconhecimento de que não há razão para salários diferenciados entre os sexos, o tema de oportunidades e responsabilidades iguais ainda é uma luta em curso.

Hildete Pereira de Melo é economista e professora da UFF



Maria Werneck

(Representada pela filha Ermínia Cecília Werneck)

Falando de grandes mulheres, o Sindicato não poderia deixar de lembrar de sua participação nas lutas pela Emancipação da Mulher.

Para isto, lembraremos de três mulheres que dedicaram suas vidas à luta pela igualdade dos direitos entre homens e mulheres.

Ela lutou pelo direito ao voto feminino, em 1930. Participou da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e da Liga Antifascista. Companheira de cela de Olga Benário Prestes, acusada de ser líder da Revolução Comunista, em 1935. Sofreu com o exílio na Argentina. Com a ilegalidade do Partido Comunista Brasileiro, em 1947, seguiu atuando no Movimento Unitário dos Trabalhadores e Intelectuais.

O Sindicato homenageia **Maria Werneck**, através de sua filha **Ermínia Cecília Werneck**.



Retrato de Olga Benário Prestes
(Feito por Di Cavalcanti para levantar recursos para o PCB, em 1945)

Heloneida Studart

Não poderíamos deixar de homenagear esta escritora que tanto se dedicou à luta feminista. Publicou diversos livros denunciando a opressão à mulher.

Por uma vida dedicada à conquista da liberdade e da igualdade, enfrentou, em 1969, a prisão. Em 1971, ajudou a fundar o Centro da Mulher Brasileira. Eleita deputada estadual, em 1978, foi reeleita em 1982.

Hoje, deputada estadual pelo Partido dos Trabalhadores, segue em sua busca incansável pela justiça social.

À **Heloneida Studart**, nossa homenagem.



“Passei a minha vida toda lutando pela valorização e promoção das mulheres. E, hoje, na data de aniversário deste Sindicato, digo que as mulheres são a nossa esperança de paz e segurança, porque elas são um poder desarmado.

A mulher nasce sem armas. Ela não tem pênis e, como tal, não valoriza nenhum símbolo fálico. Nenhum punhal, nenhum revólver, nenhuma pistola. E, menos ainda, um fuzil AR-15.

A mulher não gosta de sangue, até mesmo porque tem de derramá-lo na menstruação e no parto. Ela não quer ver derramado o sangue dos seus filhos, nem os das outras mulheres.

Então, se quisermos uma sociedade de paz e com mais segurança, não precisamos fazer passeatas. Temos de investir na valorização, na promoção e no prestígio das mulheres. Nossas amigas, mães e companheiras.”

Heloneida Studart

Fanny Tabak

Esta homenagem não poderia prescindir de uma participação da professora e socióloga, fundadora da Escola Normal.

Desde 1940, ela luta pela liberdade e pela justiça social. Participou da Liga de Defesa Nacional e atuou em campanhas voltadas para ajudar os pracinhas, que combatiam o nazi-fascismo na Europa. Incentivou a criação de dezenas de núcleos de mulheres de bairros, conhecidos como Uniões Feministas. Este movimento teve início no pós-guerra e deu origem à Federação de Mulheres do Brasil, da qual foi fundadora em 1949.

Dirigiu a "Revista Feminina", de circulação nacional, que durante 10 anos divulgou as causas e lutas do povo brasileiro, por justiça social. Foi professora da PUC, onde fundou o Núcleo de Estudos sobre a Mulher. Foi uma das fundadoras do Centro da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro. Criou o primeiro grupo de Mulher e Política, na Associação Nacional de Pós-Graduação.

Vem se dedicando, nos últimos 25 anos, à pesquisa temática de gênero, tendo publicado diversos livros sobre o assunto.

O Sinpro homenageia a professora **Fanny Tabak**.

Impossibilitada de comparecer, recebeu a homenagem posteriormente.

As professorinhas
(Rubens Gerchman)

